

## **A GUERRA NUMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA EM CRISE: ATENAS NO FINAL DO SÉC. V a.C.**

---

*Maria Leonor Santa Bárbara*

Falar sobre a Guerra do Peloponeso é falar sobre a guerra que dividiu a Grécia, opondo Esparta e Atenas, com consequências gravíssimas para esta última cidade. Simultaneamente, foi o fim da mais conhecida experiência democrática da antiga Grécia. No entanto, o nosso objectivo não é falar sobre essa experiência, ou sobre as consequências da Guerra do Peloponeso, mas sobre o modo como ela foi encarada pelos Atenienses.

Importa, em primeiro lugar, recordar a situação de Atenas no início da guerra, o que significa ter em conta dois aspectos: a estrutura política de Atenas e o seu domínio marítimo.

Desde Sólon e das suas reformas, que Atenas caminhava no sentido da consolidação de uma estrutura política que respeitasse os direitos dos seus cidadãos e o aumento da sua participação nos órgãos deliberativos da pólis. Em 462 a.C., Efialtes (com o apoio de Péricles) reduziu os poderes do Areópago, privando-o de quaisquer funções legislativas e judiciais e deixando-lhe apenas o direito de superintender nos casos de homicídio e nos delitos de carácter religioso. Na verdade, Efialtes e Péricles consideravam que, sendo o Areópago constituído por membros vitalícios provenientes das classes mais elevadas, a concentração nele de tais poderes judiciários era contrária ao espírito democrático, afastando assim da constituição ateniense os últimos vestígios de privilégios da aristocracia. Os poderes subtraídos ao Areópago foram transferidos para aqueles que eram considerados como órgãos democráticos por excelência: Eclésia, Bulé, Tribunais da Helieia. O primeiro, a Assembleia, congregava todos os cidadãos, deliberando sobre a vida e o governo da pólis; era o órgão mais importante da cidade, já que era o verdadeiro órgão deliberativo. Refira-se, ainda, que os Atenienses se orgulhavam de viver numa cidade que dava grande importância à igualdade – isonomia (igualdade perante a lei),

isocracia (igualdade no poder) e isegoria (liberdade de expressão) eram os três vectores fundamentais dessa igualdade.

No que concerne ao domínio marítimo, podemos considerar que ele se deve sobretudo a Temístocles que, desde há muito considerava que o futuro da cidade se encontrava no mar, procurando criar uma poderosa frota de guerra e construir um porto seguro que servisse Atenas. No entanto, até à batalha de Maratona (490 a.C.) não conseguira convencer o *dêmos* da sua razão. Depois desta, contudo, devido ao receio de uma segunda invasão persa, os cidadãos deixaram-se convencer por Temístocles e o Pireu foi preparado para receber uma frota de trirremes. Em 480 a.C., com a vitória ateniense em Salamina, o domínio marítimo de Atenas viu-se confirmado.

Convém ainda ter em conta que, na sequência das Guerras Pérsicas, foi criada em 477 a.C. a Liga de Delos. Esta aliança naval, constituída por Atenas e diversas cidades do Egeu (cidades gregas da costa ocidental da Ásia Menor, cidades da Propôntida, ilhas do mar Egeu – excepto Melos, Tera e Creta), dominava o mar Egeu, a ilha de Chipre e o acesso à costa sul da Ásia Menor, mantendo a ofensiva contra a Pérsia e assegurando a superintendência da política externa grega. Para a manutenção de uma frota aliada, todos os membros deviam contribuir com navios e com dinheiro ou, no caso dos estados mais pobres, apenas com dinheiro. Estes contributos, feitos uma vez por ano e recebidos por funcionários atenienses, eram guardados no tesouro comum, em Delos.

Com o correr do tempo, esta Liga acabou por se tornar num instrumento do imperialismo ateniense, contribuindo simultaneamente para consolidar a sua democracia. Sendo a cidade mais poderosa, Atenas impunha as leis na organização e controlava os votos no Conselho da Liga. Em menos de dez anos, a Liga alcançou o seu objectivo: os Persas abandonaram o Egeu e as cidades gregas do Egeu e da Ásia Menor sentiam-se novamente livres. Alguns membros da Liga tentaram abandoná-la, mas foram impedidos por Atenas. Em 454 a.C., o tesouro e a sede da Liga foram transferidos para Atenas, a pretexto de ameaça dos Bárbaros. Consequentemente, todos os assuntos relativos à Liga passaram a ser tratados na Assembleia ou nos tribunais atenienses. Ou seja, a Liga de Delos via-se transformada num império, a maioria das cidades que a constituíam sentiam que tinham perdido a sua liberdade e o resultado foram várias tentativas de revolta subjogadas por uma Atenas cada vez mais dura.

Estavam, pois, criadas as condições para o surgimento de uma crise. O conflito entre Corinto e a Corcira, o apoio de Atenas a esta última, a questão de Potideia foram apenas as ‘causas próximas’, como diz Tucídides, para o desenrolar do conflito. Esparta não quis perder a oportunidade de enfrentar Atenas, receosa de que o seu poder aumentasse. Concomitantemente, apoiou algumas das cidades da Liga de Delos contra a sua rival.

Não se pretende uma descrição pormenorizada do que foram os 27/28 anos de guerra. Convencido de que seria uma guerra curta e para evitar grande número de mortos, Péricles reuniu a população da Ática dentro da cidade: a ligação de Atenas ao Pireu permitia o abastecimento de víveres, enquanto os Espartanos e seus aliados devastariam os campos, sem lutas e sem mortes. Mas Péricles enganou-se: o conflito foi-se agravando; ao mesmo tempo, o excesso de população na cidade e a falta de condições de higiene originaram a peste e os Atenienses morriam. Grassava o descontentamento na cidade. Apanhado pela peste, Péricles morreu deixando Atenas entregue ao seu destino.

E é aqui que entramos no cerne da nossa comunicação: o modo como esta guerra foi vista pelos Atenienses.

Não possuindo nós outros testemunhos que não os literários, é a eles que nos devemos ater nesta tentativa de mostrar a visão ateniense sobre algo que afectava a sua vida de um modo tão duro. Para isso escolhi dois autores, que viveram durante o período da guerra e cuja produção literária podia ser apreciada pelos Atenienses em geral: Eurípides e Aristófanes. Claro que não poderão ser abordados da mesma forma, já que as características do género literário a que cada um se dedicou contribuíram para que Eurípides fosse menos directo na visão da guerra relativamente a Aristófanes.

Se não vejamos: sendo geralmente o assunto das tragédias retirado do mito, Eurípides não é excepção. Os temas das suas tragédias são conhecidos de todos os espectadores, como os ciclos troiano e tebano, por exemplo. Há, no entanto, uma forma de caracterizar as personagens que denota os sentimentos do poeta relativamente às mesmas. E uma dessas personagens é Menelau, rei lendário de Esparta, genro de Zeus devido ao seu casamento com Helena. São várias as tragédias em que ele nos aparece, mas pretendo apenas referir duas: *Andrómaca* e *Orestes*.

Ambas estão, dentro de certa medida, relacionadas com o ciclo troiano. Viúva de Heitor, Andrómaca coube em sorte a Neoptólemo, filho de Aquiles, de quem teve um filho. Sucede que entretanto este casara com Hermíone, a filha de Helena e Menelau, que, não conseguindo procriar, sentia ciúmes de Andrómaca. Hermíone pede ajuda ao pai e, aproveitando a ausência de Neoptólemo, tentam livrar-se de Andrómaca e do seu filho. Primeiro, estando Andrómaca com o filho, como suplicantes, junto do altar de Zeus, Menelau compromete-se a não lhes fazer mal algum, só com o objectivo de conseguir afastá-los do altar. Assim que, persuadidos pelas suas palavras, eles abandonam o altar do deus, Menelau manda prendê-los. Em seguida, quando Peleu acorre, atraído pelo alarido, para saber o que se passa e intercede por Andrómaca, Menelau insulta-o, sem qualquer respeito pelas suas câs. Contrariamente à personagem dos poemas homéricos, temos aqui um

indivíduo enganador, capaz de artifícios para conseguir os seus objectivos; já não apresenta o tradicional respeito pelos suplicantes e pelos mais velhos. Pelo contrário, chega a insultar Peleu, denegrindo a sua velhice, comparando-o a ‘uma sombra’, só com voz, ‘incapaz de outra coisa que não seja falar’<sup>1</sup>. Poder-se-ia interpretar esta atitude como manifestação dos valores da época do poeta relativamente aos mais velhos, não se desse o caso de ser evidente o respeito de Andrómaca pelo ancião. Além disso, a resposta de Peleu denota não só a oposição entre juventude e velhice, mas sobretudo entre cobardia e coragem<sup>2</sup>. Mais do que a demonstração de que velhice não é necessariamente sinónimo de fraqueza, o que importa aqui ressaltar é a pergunta de Peleu, onde pode estar implícita uma crítica a Menelau, considerando-o jovem e vigoroso, sim, mas cobarde; incapaz de fazer frente a Neoptólemo, Menelau aproveitou a sua ausência para só ter como adversários uma escrava e um velho.

E, como já disse, não é esta a única vez que o rei de Esparta é retratado de modo negativo. Não é só uma escrava como Andrómaca que ele engana, mas o próprio sobrinho, Orestes, não pode esperar que Menelau interceda em favor dele, na Assembleia, se isso o fizer correr algum risco junto dos seus concidadãos. Isso mesmo está patente na tragédia com o seu nome, *Orestes*, em que este, perseguido pelas Erínias por ter morto a mãe para vingar o pai, tenta convencer o tio a auxiliá-lo, mas em vão. Na verdade, é o mesmo homem que em *Ifigénia em Áulis*, se insurge contra o irmão, ao aperceber-se de que este se arrependera e enviara um segundo emissário para impedir que Ifigénia chegasse a Áulis onde seria sacrificada. Na discussão que os dois irmãos travam nessa altura fica bem patente a angústia de Agamémnon por ter de sacrificar uma filha por causa de uma adúltera, a par da exigência (quase poderíamos dizer egoísta) de Menelau, que só quer vingar a sua honra.

A par deste retrato negativo de Menelau, vemos o mesmo poeta retratar positivamente reis lendários atenienses, como sucede em duas das suas tragédias, *Suplicantes* e *Os Heraclidas*. Na primeira, que se insere no ciclo tebano, vemos Teseu, a quem se dirigiram os familiares dos heróis mortos em Tebas, interceder junto do rei desta cidade para que devolva os cadáveres a fim de que lhes sejam prestadas honras fúnebres. Na segunda, cujo tema gira à roda do destino dos filhos de Hércules, perseguidos por Euristeu, o rei ateniense é capaz de entrar em guerra com este último para prestar auxílio aos familiares suplicantes do herói. Ou seja, a par de uma atitude arrogante e desrespeitadora de valores tradicionais, como é a de Menelau, Eurípides apresenta-nos precisamente o oposto nos reis atenienses, que se regem pelos

<sup>1</sup> Cf. Eurípides, *Andrómaca*, vv. 745-746.

<sup>2</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, vv. 764-765 onde se afirma: “Um velho, se é corajoso, é também mais forte do que muitos jovens. Para que serve ser vigoroso, quando se é cobarde?”.

valores tradicionalmente englobados na chamada lei divina – respeito pelos suplicantes, pelos mortos, pelos deuses, numa palavra, respeito pela lei.

Evidentemente que não temos aqui uma posição clara relativamente à guerra do Peloponeso; apenas podemos depreender, pela forma como caracteriza as suas personagens, uma maior simpatia ou antipatia, consoante elas são originárias de Esparta ou de Atenas.

Já o mesmo não se pode dizer das comédias de Aristófanes. Atento ao mundo que o rodeia, o comediógrafo fez uma crítica aguda da sociedade da época, crítica essa que abarca os seus distintos aspectos. E entre esses aspectos inclui-se a vida da pólis e o modo como a guerra é encarada. Num tom livre, Aristófanes critica abertamente as figuras da época, sejam elas homens conhecidos, como Sócrates ou Eurípides, políticos ou generais; critica também as assembleias; apresenta-nos os deuses representados de uma forma brincalhona; aparecem-nos, com frequência, seres imaginários, como homens-animais: vespas, aves, rãs, por exemplo, que constituem o Coro das comédias aristofânicas a que dão o título. Ou seja, exceptuando o camponês, todo o universo da comédia é fantasioso e burlesco.

Assim sendo, não é de estranhar que várias das suas comédias abordem o tema da guerra, com as respectivas consequências, e a procura da paz. Exemplo disto é a comédia mais antiga que nos foi conservada, *Os Acarnenses*, de 425 a.C., ou seja, composta seis anos depois do início da Guerra. Nela o poeta critica os políticos atenienses, mostrando o anseio dos camponeses pelo fim da guerra e pela prosperidade da paz. Logo no início da peça se percebe o modo de agir dos políticos: a uma assembleia, que deveria ter começado de manhã cedo, eles só chegam pelo meio-dia; uma proposta de paz com os Lacedemónios é recusada sem discussão e os seus partidários mandados calar; por fim, a entrada de embaixadores, vindos da Pérsia e da Trácia, dá-nos um retrato dos políticos atenienses como homens interesseiros, que vivem à custa do Estado e que enganam (tentam enganar) os seus concidadãos<sup>3</sup>. Para Diceópolis, tal como para o poeta e para os espectadores, é evidente que a continuação da guerra é do interesse dos políticos, que dela retiram benefícios.

---

<sup>3</sup> A este propósito é de referir a entrada dos embaixadores que tinham sido enviados à Pérsia. O poeta salienta diversos aspectos: o facto de estarem a receber duas dracmas por cada dia de viagem; o tempo que esta demorou, ridicularizado por toda uma série de pormenores demonstrativos da grandeza do rei persa; o contraste entre a alusão dos embaixadores à fadiga da viagem e as comodidades que receberam na Pérsia – tal como o contraste com a situação penosa em que se encontra a grande maioria dos cidadãos da Ática; e ainda a contradição entre as afirmações dos embaixadores atenienses e as do emissário do rei persa, relativamente ao apoio financeiro que ele estaria (ou não) disposto a conceder a Atenas.

Mas isto não é tudo. Dado que particularmente Diceópolis estabelece um acordo de paz com os Lacedemónios, Aristófanes volta a apresentar uma nova contradição: entre a prosperidade de Diceópolis e o sofrimento da guerra. Na verdade, a comédia termina com Diceópolis regressando da festa dos Cângios<sup>4</sup> ao mesmo tempo que o general Lâmaco regressa, ferido, de um combate. Pelo meio, uma crítica a Eurípides, aos sicofantas e à situação que se vivia em Atenas, ridicularizando a figura de Péricles<sup>5</sup>. Refira-se que as alusões a Péricles são compreensíveis, na medida em que os Acarnenses terão sido os mais prejudicados com a política de Péricles, no início da guerra, de se fecharem em Atenas, abandonando os campos à pilhagem dos atacantes e vivendo do comércio marítimo.

Esta não é a única comédia em que Aristófanes evoca a questão da guerra: também o faz em *A Paz*, comédia em que a personagem principal, Trigeu, cansado da guerra, parte em busca da Paz, que encontra presa. O objectivo é sempre o mesmo: a defesa da paz, realçando o carácter destruidor da guerra, a que contrapõe a riqueza alcançada em tempo de paz.

Não é só da guerra do Peloponeso que Aristófanes se ocupa: também a vida política de Atenas no final da guerra é criticada pelo nosso poeta. Não pretendendo enumerar todas as comédias, limito-me a uma das suas últimas obras, *As Mulheres no Parlamento* (393-392 a.C.). Cerca de dez anos passados sobre a Guerra do Peloponeso a situação em Atenas não é favorável. Tal como em *Os Acarnenses*, também aqui a acção se inicia com uma reunião da Assembleia. Só que desta vez não se trata de discutir questões relacionadas com a paz e a guerra, mas com uma tomada do poder por parte das mulheres. Disfarçadas de homens e vestidas com as roupas dos seus maridos, elas ocupam bem cedo o seu lugar na Assembleia. Os argumentos apresentados baseiam-se na solidariedade e na confiança existente entre as mulheres, bem como no facto de serem boas administradoras das suas casas. Ora a situação da cidade é de tal ordem que facilmente o seu projecto é aceite e passa a ser apresentado todo um conjunto de reformas que muito se aproxi-

---

<sup>4</sup> Festa que se realizava em Atenas em honra de Dioniso e que decorria em três dias, sendo os dois primeiros dedicados à consagração ao deus da produção vinícola, não só abrindo os recipientes que continham o vinho da última colheita, mas também com um concurso de bebedores, em que cada um empunhava o seu vaso (*choes*: cângio) e ganhava aquele que o esvaziasse mais depressa. O prémio era um odre de vinho.

<sup>5</sup> Na verdade, os motivos da guerra do Peloponeso são aqui atribuídos ao decreto de Mégara, que determinava que os Megarenses e todos os seus produtos fossem excluídos dos portos atenienses. No entanto, Aristófanes parodia a situação incluindo um jogo de cótabo [jogo então na moda e que consistia em verter vinho num recipiente de metal, tentando, através do som determinar os sentimentos da pessoa amada] e o roubo de uma cortesã, numa clara alusão a relação de Péricles com Aspásia.

mam (passe o ligeiro anacronismo) das da *República*, de Platão. O que importa aqui não é tanto a atitude das mulheres, mas o estado de debilidade, de fadiga, em que se encontrava a vida política de Atenas. O desinteresse dos cidadãos permitiu que um grupo de pessoas que mais pareciam sapateiros (como refere uma das personagens) ocupasse logo cedo o seu lugar na assembleia para levar a cabo os seus objectivos; permitiu ainda que as suas propostas fossem aprovadas sem discussão e, posteriormente, aceites pelos cidadãos.

Poderia, ainda, ter referido outras comédias, como a *Lisístrata*, por exemplo. Mas o tempo é pouco, impondo-nos concisão. Além disso, creio que as comédias mencionadas mostram o estado de espírito em Atenas, durante a Guerra do Peloponeso, salientando o interesse de uma parte específica da população (políticos e militares) na manutenção da guerra, a par do esforço do cidadão comum, mais preocupado com a sua subsistência, para lhe pôr fim. Dão-nos também testemunho do desinteresse que toda esta situação gera no cidadão, o que, lentamente, contribuiu para o fim da democracia ateniense.

Todos conhecemos o resultado desta guerra com o triunfo temporário de Esparta. Também conhecemos as consequências posteriores: o domínio da Macedónia e o, cada vez maior, enfraquecimento das cidades gregas, em lutas constantes numa tentativa frustrada de conservar a sua independência, a sua liberdade, que veio a culminar, ao fim de alguns séculos, na conquista da Grécia por Roma. Guerras houve que contribuíram para um desenvolvimento tecnológico e científico. Até que ponto, não terá a do Peloponeso contribuído, mesmo que de forma bastante longínqua, para o que somos hoje, na medida em que toda a extensão do império romano contribuiu para divulgar princípios e valores civilizacionais que ainda hoje se conservam? Esta pergunta, além de retórica, carece de resposta ao menos por aqueles que pretendem ver nas actuais mudanças de regime e «choques de civilizações» apenas o prosseguir, ou ressurgir, de dinâmicas anteriores, ignorando ou esquecendo as críticas de Tucídides aos que, em Atenas, se serviam de palavras consagradas para obscurecer, em vez de esclarecer, as realidades mais duras. Como as das guerras.